

Delta[®] Q

a energia que nos inspira | **CONTO**

processo criativo | RACIONAL

ANTES DO CAFÉ, UM DEDO DE PROSA

2020 está difícil. Ser criança em 2020, também. Este ano dos serás trouxe desafios e perguntas que surpreenderam até a mais fértil das imaginações. Será que vai ter Natal? Será que o Pai Natal vem ou também vai ter que ficar em casa? E a escola? Será que fecha ou será que abre? Será? Será? Será?

O mundo mudou em 2020. Todo mundo mudou em 2020. Muitas pessoas mudaram de estilo de vida, de emprego, de casa, de escola. Enfrentar o novo não é fácil. É preciso confiança, inspiração, energia, ideias e muito espírito de inovação.

E é com todos esses atributos (e um cheirinho a café!) que Delta Q chega. Para desafiar os desafios. Para inspirar os miúdos. Para trazer conhecimento em forma de entretenimento e inspiração.

Para trazer uma nova personagem, que vai servir como a mentora mais fixe do gang mais cool de sempre.

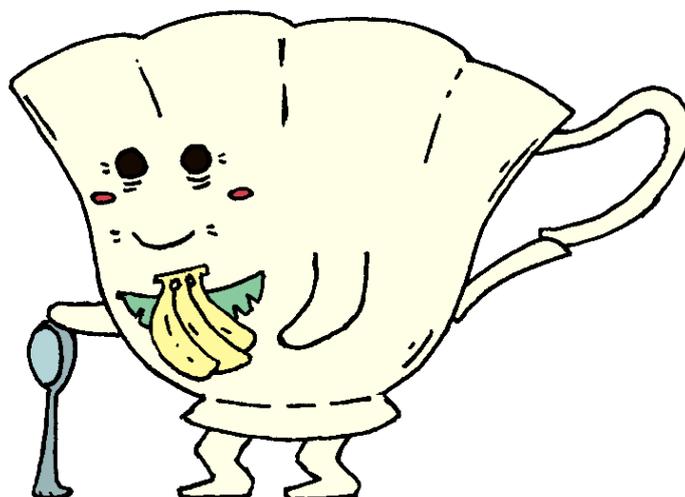
DONA XICA, A CHÁVENA QUE FALA BRASILEIRO

Não é de hoje que Portugal e a cultura popular brasileira têm uma boa relação. As novelas, as músicas, as expressões vindas do outro lado do oceano fazem parte do dia a dia das famílias portuguesas há anos.

Agora, com a popularização de plataformas como o YouTube, as crianças começam a descobrir logo cedo esse longínquo país tão parecido e tão diferente. Com acesso ao imenso conteúdo infantil brasileiro postado na internet, versões de desenhos “em brasileiro” e o famoso Lucas Netto trazem para as casas portuguesas um sotaque e um jeito de viver que os pequeninos acham “legal pra caramba”.

Um país tão fixe para as crianças portuguesas é ainda um país muito interessante para a marca: o Brasil é o maior produtor global de café há 150 anos. Se tem coisa que brasileiro entende é de café!

Para desvendar a trajetória do café, ninguém melhor que uma brasileira cheia de história pra contar. Dona Xica, uma velha chávena, chega para conversar com o gang e cativar os jovens consumidores, enquanto estimula a troca entre gerações e a diversidade, temas mais importantes que nunca.



DONA XICA

E O GRÃO-DUQUE AVENTUREIRO

Faltava pouco para o grande dia!

A QêBê ia enfrentar seu primeiro dia de aula na nova escola.

A pequena chávena estava cheia de medo.

E cheia de perguntas.

-Será que vão gostar de mim? Será que vou gostar deles? Será que vou saber onde fica minha sala?

-Vai correr tudo bem, QêBê! – disse Qids, o líder do gang, sempre muito cool, com seu boné vermelho na cabeça e seu skate nos pés.

-Não seas medricas! Vais gostar de aprender! – disse a colherzinha Qiqi.

-Aprender? Mas será que já não sei tudo de que preciso? – perguntou QêBê, pouco convencida.

O nerd Droni e o unicórnio NiQi se entreolharam, a pensar. Aquilo de escola nova podia mesmo assustar.

De repente,

tec, tec,

tec, tec.

Ouviram passinhos de porcelana a chegar.

E uma voz bem fininha, bem alegre, que disse:

-‘Cê sabe tudo? Então me diga: da onde é que vem o café?

Por detrás da fruteira, surgiu uma chávena muito idosa.

Sua bengala era uma velha colherzinha.

Dona Xica era o seu nome.

Dona Xica era velhota, mas não tinha nada de velhinha.

Era uma senhora muito engraçada, tagarela, de cor amarela.

Na barriga de porcelana, trazia a pintura de uma banana.

-Dona Xica! – exclamaram os amigos, espantados.

Todos na cozinha já tinham ouvido falar dela. A Dona Xica era uma chávana muito antiga e muito sábia, diziam. Suas histórias inspiravam gerações e gerações de louças.

-Euzinha! Eu mesma. Dona Xícara, nascida em Cafesópolis, Cafelândia, uma cidade pequenininha de tudo, que fica muuuuuuuito, muito longe daqui. Mas sou Dona Xica para os amigos. – disse a velhota, a arrumar seus enfeites, toda janota.

Xícara? O NiQi tirou o chapéu colorido e coçou a cabeça. Que palavra engraçada.

-Xícara é como chamam chávana no Brasil. No Brasil, também se fala português, mas algumas palavras, como chávana e xícara, são bem diferentes! – disse a QêBê, muito sabida.

-Acertou em cheio, menina! – respondeu a senhorinha, apoiada em sua colherzinha. – Sou brasileiríssima, sô!

-Viram? Eu sei das coisas. Não preciso mesmo ir à escola. – disse QêBê.

-Uai, será mesmo? Entendi... 'cê sabe de onde eu vim. Mas ainda não respondeu minha primeira pergunta. Afinal, de onde vem o café?

-Ora, vem de onde vem quase tudo. Café vem do supermercado! - respondeu a QêBê, prontamente.

O Qids e a Qiqi deram risadinhas. É claro que café não nascia no mercado!

...Mas a verdade é que eles também não faziam ideia de onde é que vinha o café.

-Ora essa, café vem do pé de café! – disse a Dona Xica, a rir-se toda.

-Você quer dizer que café nasce em árvore? – perguntou QêBê, desconfiada.

-A senhora não está a gozar da gente, está? – perguntaram Qiqi e Qids, muito intrigados.

NiQi já imaginava as chávenas penduradinhas nos galhos, a balançar e a se quebrar numa ventania. Que confusão!

-Não tô mangando de ninguém, não! Pois café nasce do pé e vou contar como é que é: no Brasil o que mais tem é pé de café! E foi num desses pés de café que nasceu um grão de café aventureiro que não se deixava abalar por nada. Nem quando ele não sabia o que ia acontecer! Nem quando a vida era toda cheia de serás!

A QêBê ficou muito interessada naquela história. Talvez aquele tal grão de café aventureiro tivesse alguma coisa para ensinar para ela... QêBê se juntou ao Qids, ao NiQi, ao Droni e à Qiqi. Juntos, sentaram-se ao pé da Dona Xica e ouviram a história que ela tinha para contar:

“Antes do grão, vem o cafeeiro, que é o nome do pé de café, uma arvorezinha pequena e baixinha. Quem planta o cafeeiro é o fazendeiro. A plantação de cafeeiros se chama cafezal. Olha que legal!

O cafezal dorme o inverno todo. Dorme até chegar a primavera. Aí, o cafezal acorda. Ai, que beleza. Ele floresce, lindo, como manda a natureza. O cafezal fica todo branco, parece até que nevou! O fazendeiro olha aquilo e fala: é um véu de noiva, que lindo que ficou! Fica tudo branquinho que só. E dali a pouco, passa um tempinho, tudo muda de cor. O que era branco, fica colorido. Cada galho joga fora sua florzinha. E logo nasce uma frutinha. Pode ser vermelha, amarela ou verdinha.”

-Pronto! Já percebi tudo! O café é o sumo dessa fruta! – disse a Qiqi, ansiosa.

-Eu quero é saber do tal grão aventureiro! – completou a QêBê, sem perder uma palavra da história.

-Calmaê, meninas, que café não é sumo... e conhecimento leva tempo! – riu Dona Xica, dando uma piscadela, sempre bem-humorada. E continuou:

“Passa a primavera, passa o verão, as frutinhas vão ficando mais bonitas, mais gordinhas... e quando chega o outono é que a festa acontece!

Aí, é tempo de colheita! Clac, clac, clac, as frutinhas são colhidas. Colhidas à mão, com cuidado e carinho. A frutinha é bonita, mas é dentro dela que mora o grãozinho. O todo-poderoso, o cheio de energia, o grão de café! Pois é!

Cada grão é muito especial. Cada grão faz um café diferente. Depende de onde ele nasce, com quem anda, como é criado. Grão de café é meio assim, que nem gente!

E tinha um grão ainda mais especial, um amigo que eu levo até hoje no meu coração de porcelana. Eu chamava ele de grão-duque, porque ele era um grão grã-fino, todo metido a bacana. Aquele grão especial era muito legal: era chique, mas era aventureiro! Nos conhecemos enquanto ele tomava um solzinho no terreiro.

Toda época de colheita, eu, da cozinha, via tudo. Via quando as frutinhas de café eram deixadas no sol pra secar. É sempre assim, sem falhar: depois que as frutinhas secam, sobram os grãozinhos. Pensa numa imensidão de grão, esparramada no chão! Tão lindinhos!

E naquele dia, aquele grão... ah, ele se destacava na multidão.

Enquanto os outros grãos olhavam para o sol, medrosos, e perguntavam 'O QUE SERÁ DE NÓS AGORA?', aquele grão-duque aventureiro, mal tinha saído da fruta, só dizia 'SIMBORA!'. Cantava até um sambinha!

Lá do terreiro, debaixo do sol, ele sorriu pra mim e piscou. Eu fiquei toda cheia!

Mas ainda faltava um pouquinho para aquele grão ficar assim cheiroso, bonito, com jeito mesmo de café. Mesmo depois de tomar sol, os grãos todos ainda estavam crus. E o grão-duque era todo branquelo, da cabeça ao pé!

-Ei, grão grã-fino, tá todo bonito assim branquinho, mas bora tomar um bronzinho? - disse eu para o grão-duque, que ficou todo alvoroçado. Eu era nova e não perdia o rebolado.

A verdade é que eu achava que meu amigo grão precisava de uma chacoalhada na moral. Eu sabia que ele seria levado junto aos outros para uma prova brutal. Era hora da torra. A torra é a prova de fogo, é quando o grão de café vai pra uma máquina gigante e sai do outro lado transformado: sai todo bronzeado!

Depois da torra, só os melhores grãos são escolhidos. Te juro! Depois que 'cê entra no forno, não sabe onde vai parar. Pra quem tem medo, é um teste de lascar!

Ah, mas o grão-duque aventureiro era corajoso. -Vocês vão ficar aí? – gritou ele, pra todos os grãos que se seguravam uns nos outros, na maior confusão. – Vamos, amigos! Vamos enfrentar esse calorão!

E entrou na máquina, de cabeça erguida.

Meu amigo grão-duque tinha muitas qualidades. Era forte, corajoso, era um baita de um café! E ele saiu do outro lado bonito, corado, todo animado! Tinha sido aprovado!

Quando aquele grão-duque moreno passou por mim, todo cheiroso, eu achei que estava sonhando. Mas suspirei, pois sabia que nossa história já estava acabando.

Chegara a hora da aventura final do meu grão de café. Era hora do meu amigo grão ser selecionado para o blend”.

-Selecionado pra quê? Parece nome de aplicação de telemóvel! – comentou o Qids, achando graça.

A Dona Xica soltou mais uma risada:

-Blend é um nome chique pra uma coisa muito divertida. Quer dizer que era hora do grão ser misturado a outros grãos de café que vieram de cafezais do mundo todo!

“Ah, mais uma vez os grãos ficaram apavorados.

-Vão nos misturar? Vamos mudar de novo? No que vamos nos transformar agora? – choravam eles. E eu quase chorei junto, porque achei que tinha perdido o meu amigo, aquela hora.

Mas não demorou nadinha e eu ouvi: era a voz daquele corajoso grão-duque cantando, enquanto pulava pelas sacas de grãos:

-Adeus, minha amiga Xica, adeus meus amigos grãozinhos, vou me misturar por aí e conhecer o mundo!

Aquele grão-duque aventureiro não teve medo do desconhecido... e assim foi longe, destemido! Viveu aventuras e fez amigos do mundo todo. Conheceu um grão-mestre da Malásia, um alegre grão da Colômbia e um interessante grão-duque da Jamaica. Fez amigos de Angola, Camarões, Congo, Índia, Togo, Uganda, Guatemala, Papua Nova Guiné! Tudo país que planta café!”

-Eu só não percebi uma coisa! Como é que o grão de café vira... café? – perguntou a QêBê, curiosíssima.

-Aí é simples pra chuchu! – respondeu Dona Xica. - Cada um tem seu jeito de preparar o café. Os grãos são moídos até virar pó. Imagina só o

que aconteceu com meu grão-duque aventureiro! Não teve medo de mudar de novo! Virou pó, foi filtrado com água quente e hmmm... cheiroso e formoso, virou um café muito chique, premiado, da nobreza. E foi servido na bela xícara de uma importante senhora portuguesa. Adivinhem quem era essa xícara? Era eu! Hihi!

-Que história mais fixe! Era o grão mais corajoso de sempre! – exclamou o Qids.

-Ah, quem me dera viver aventuras como as desse grão! – disse a Qiqi, encantada.

A QêBê não disse mais nada. Ela já estava pronta para partir.

-Onde vais, QêBê? – perguntaram os amigos, a ver a amiga se levantar.

-Vou arrumar minha mochila para a escola, ora! Eu é que não vou perder essa aventura! Agora, estou pronta para o que der e vier.

Assim, o gang disse adeus para a Dona Xica.

A velha chávêna se despediu dos miúdos.

Dona Xica deu um suspiro, ainda a se lembrar de seu amigo grão.

Ela pegou o skate que guardava atrás da fruteira.

E foi-se embora.

